

XENÓFANES,  
INTÉRPRETE DE GRAFIAS ESTRANGEIRAS

---

Donaldo Schüler  
(UFRGS)

Xenófanes, jônio de Colofão, lembra Ulisses, o homem que conheceu o espírito de muitos povos. Conheceu ou quis conhecer? Na verdade, Ulisses nunca se afastou dos costumes de sua gente. Ulisses espelha Homero. Nos poemas homéricos todos rendem culto a deuses olímpicos, sejam troianos, etíopes ou habitantes de Esquéria. Homero heleniza até lendas germânicas. Uma fada munida de varinha de condão, trazida das florestas do Norte, vira Circe na *Odisséia*. Todos falam grego. Até Polifemo. A brincadeira que Ulisses faz com o seu próprio nome na caverna do gigante é compreensível apenas a quem sabe a língua do navegador. A Ulisses lhe é familiar o território grego. Quando se afasta da Grécia, vê bruxas e canibais. Esquéria já tem características de estado grego. A ilha de Alcino é como o guerreiro se imagina retornando a Ítaca: trono cercado de corte próspera, gente simples, ordeira e feliz. A deslumbrante Nausícaa tem a idade de seu filho. Em Esquéria, Ulisses reassume a fala. É lá que ele faz o balanço de sua vida. Converte suas aventuras no mar em poesia. Metaforiza, para o encanto de seus ouvintes, aventuras concretas.

Xenófanes foi o primeiro grego a indagar como não-gregos de fato são. Deixou sua terra como exilado. Viajou, antes de se fixar na Sicília, mas não como turista. O turista parte pelo prazer de viajar, de ver. Diverte-se à medida de seus recursos. Tem prazo marcado para estar. A atitude do exilado é outra. Seu interesse é de ficar mesmo em situação adversa. Exige pouco. O turista vê para se ilustrar, o exilado vê para ficar por prazo indeterminado. Vê para compreender, para rever o que trouxe. Xenófanes viu com olhos de exilado. Comparou. Descobriu em estátuas e pinturas sistemas sígnicos que podiam ser lidos por pes-

soas que falam outra língua. Entenda-se o exilado, um que perdeu a proteção das muralhas, da lei, da tradição. Desprotegido, vê sem preconceitos, é capaz de produzir conceitos imprevistos. Nem sempre o mais próximo é o que conhecemos melhor. A apreciação de um quadro requer distância. Longe dos lugares que regularmente freqüentamos, o que é nosso se esclarece.

Estereotipada é a cidade que exila. Querendo purificar-se, agrava sua própria mumificação por excluir quem poderia chamá-la à vida. O exilado livra-se da paralisia que poderia causar-lhe a morte. O exílio pune e constrói. Do olhar de Xenófanes, um exilado, brotam novas relações entre os homens. O que a Grécia é? A Grécia não é, ela se faz. O olhar interessado em outros povos não nasce de um destino inerente aos gregos. Nasce de uma prática condenável. Xenófanes encabeça uma linhagem de homens desejosos de saber como os estrangeiros são.

Xenófanes não se comporta como turista apressado, nem é espontâneo como Anaximandro. Xenófanes elabora artisticamente as anotações. Embora continue a fazer versos, Xenófanes subverte a arte até aqui sujeita à soberana voz divina. Ajusta a cadência aos olhos. A observação quebra a homogeneidade da poesia oral. A autoridade passa de cabedais oralmente transmitidos ao observado. Não digeridas pela tradição helênica, diferenças vigoram como tais. Xenófanes não está interessado em contar histórias como Heródoto, mas em refletir sobre o observado.

Heródoto prestava atenção ao que ouvia. Pensava que a opinião viva das pessoas, embora pouco rigorosa, refletia melhor a realidade do que registros oficiais. Xenófanes volta-se ao grafado. Viu esculturas, viu pinturas, viu ideogramas próximos da pintura. Havia outra verdade nas grafias, a verdade das pessoas. Lia o espírito como Ulisses, mas o espírito materializado em formas:

se mãos tivessem bois, cavalos ou leões, e soubessem grafar e concluir obras como os homens, os cavalos traçariam imagens de deuses semelhantes a cavalos; os bois, a bois; e cada espécie produziria corpos divinos semelhantes a seus próprios organismos.  
(DIELS/ KRANZ: 15)\*

Homero acentua a diferença centro/periferia, grego/bárbaro. Xenófanes anula a tópica homérica. Um conjunto de fatores faz com que diferentes sejam diferentes, tão diferentes quanto leões, cavalos e bois. Qual é o centro? Bois e cavalos são distintos, mas não seria procedente declarar que cavalos são mais nobres que bois. Atendem a necessidades diferentes. Juízo valorativo seria improcedente. Por que afirmar que um povo saiba mais que outros? Sabe coisas diferentes.

A viagem de Xenófanes foi uma aventura do olhar. No desfilar dos horizontes, o espetáculo inquieta o exilado. Quem sempre vê o mesmo conhece? Por que viajar, quando a viagem confirma o já sabido? As imagens se sucedem. Uma imagem sobrepõe-se a outra. Dar atenção às imagens ou a representações que se afastam das imagens: conceitos, mitos – eis a questão.

Xenófanes observa. Nem todo olhar submete. Não é esse seu destino. É certo que o olhar da Medusa petrifica. Mas é um olhar que vem da morte. O olhar do escultor é diferente. O cinzel imprime vida na pedra. Desperta nela o que ela pode dar. Assim é o olhar enamorado: inflama as faces, acelera as pulsações, arrepiava a pele. Petrificador era o olhar grego. Os vizinhos, vistos como bárbaros, perdiam história e identidade. Era o começo da escravidão, do sofrimento, da morte. O olhar de Xenófanes já não é o de seus maiores. Como exilado, o pensador vaga pelo mundo sem pátria. Não olha de cima. Olha para diferentes. Começa uma nova história: a troca de experiências para a construção do que ainda não existe. O olho educado para dominar determina-se a observar. Perguntadas sobre o que querem dizer, estátuas começam a falar. Petrificante é o olhar que não pergunta nada. No olhar de Xenófanes, o estranho deixa de ser hostil para se fazer fonte de saber, de compreensão, de convivência. A diferença já não estimula a agressão.

Xenófanes olha para as mãos. A mão procura dominar o traço – que exprima, que fale. Os movimentos livres da vida e a

\* Cf. DIELS, Hermann e KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Dublin/Zürich, Weidmann, 1966.

ordem. Nietzsche viu na oposição Dioniso/Apolo a origem da tragédia. Apolo: a vontade de impor limites, de emoldurar, de enquadrar. Conflito: A pura geometria não tem o que dizer, a espontaneidade pura não sabe como dizer. Heráclito: reta e curva, um e o mesmo. Joyce: a arte impura, a tensão de opostos, a margem e o imarginável. Caligrafia: a beleza que se espera alcançar pela disciplina. A mão ensaia, avança, pára, entrelaça, rompe. Mãos traçam fronteiras para conter, proteger, diversificar. Sem linhas recaímos na desordem, na impossibilidade de entender.

Xenófanés quer saber o que homens fazem. Pensamentos precedem a ação? Projetos há. Mas esses não se elaboram sem levar em consideração materiais e instrumentos. Projetos não existem enquanto não se concretizam em palavras ou traços. O pensamento não precede a ação. Pensamento é ação. A execução altera o projeto. Tela e tinta têm exigências que o pintor não prevê. O que o homem pensa, o que o homem é aparecem no que o homem faz. A obra constrói o artista. O artista é produto do trabalho de suas mãos. Grupos diferenciam-se pelo que fazem. No fazer de um povo colaboram muitas mãos. Há diferenças individuais e coletivas. O uso das mãos e dos materiais fazem a diferença. O trabalho das mãos afasta da natureza. Esquecido o trabalho das mãos, recaímos na natureza. Xenófanés vê o trabalho das mãos. Grafia é o que não é natureza. Além dos produtos da natureza, Xenófanés considera o trabalho das mãos.

As obras artísticas são imagens (*idéai*) representações visuais. A arte revela o homem. Isso é revolucionário. A atenção estava concentrada até aqui na fonte, a memória coletiva, as musas – divindades incumbidas de elaborar o transmitido. Xenófanés desprende as imagens dessa fonte. Se cavalos e bois tivessem mãos, não deixariam de ser cavalos e bois, mas dariam à equinidade e à bovinidade plena expressão. Os bois e os cavalos como nós os conhecemos são produto de quem os domina. Conhecemo-los como alimento, como tração, como condução. Se bois e cavalos tivessem mãos, escapariam das nossas mãos e nos ofereceriam imagens de si nunca produzidas por homem algum.

O termo “bárbaro” apaga distinções. Egípcios, hindus ou persas são chamados bárbaros como se entre eles não houvesse diferença. Bárbaros, porque o que produzem não merece atenção, produtos do olhar como bois e cavalos. Combatidos, em razão disso, e escravizados. É como colonizador que Ulisses visita povos. Observando, entretanto, o que produzem, povos não-helênicos aparecem tão diferentes quanto leões, cavalos e bois. Povo algum é por si mesmo bárbaro. O bárbaro é aviltado a partir de outro lugar. Um povo que assume a barbárie deprecia o seu lugar em favor de um lugar estranho. No instante em que o excluído se vê com seus próprios olhos, o barbarismo some.

Se tivessem mãos... Xenófanés dá mãos. Filho do seu século, o sexto antes de Cristo, Xenófanés distribui mãos prometeicas. O homem industrial já não vive sob a tutela do passado. Já não são os deuses que produzem os homens. Produzindo imagens, o homem retrata nelas o seu próprio rosto.

*Se mãos tivessem bois, cavalos ou leões...* A linguagem poética não se construía assim. Poesia não se baseava em hipóteses, firmava-se em certezas que vinham da tradição. A hipótese, confirmada pela observação, permite fazer conjeturas adequadas até a povos desconhecidos, vivam onde viverem. O que produzem não estará subordinado, com certeza, a padrões universais. Mãos, pedras e tintas imporão diferenças. A arte os fará diferentes.

*Se soubessem grafar...* Grafar (*gráphein*) abarca escrever e pintar. O verbo aproxima escrita, arte literária e pintura. A crítica ao mito (palavra falada) eclode nas artes plásticas. O trabalho das mãos, verificável, insurge-se contra informações orais: autoritárias, inverificáveis. O canto das musas, sem resposta para diferenças, suprime o diferente.

Anaximandro inventou a prosa literária, sem refletir sobre o grafar. Xenófanés reflete, a partir do grafar, sobre a invenção. O que diferentes povos grafam é determinado por condições peculiares. Antes de julgar é preciso observar. Ponto de vista centralizador apequena diferenças.



*Se soubessem grafar...* e os homens sabem? Se soubessem, já teriam chegado aonde querem chegar. Grafar é contínuo, aprendizado. Quem grafar retoma os exercícios de caligrafia. Grafar é recomeçar. Como cavalos e bois vivem aquém da grafia, são sempre iguais a si mesmos. A grafia divide, transforma. Atravessados pela grafia já não somos quem fomos. A biografia registra etapas de persistente transformação. Como poderíamos reencontrar-nos conosco mesmos, se já não somos quem fomos?

O mito confundia com a natureza o transmitido pela voz. Contra a autoridade do mito, Xenófanes observa que o saber vem do grafar. Este é o campo da experimentação. Aí se organizam as idéias. Seja lacunoso o grafar, a lacuna exprime o homem. Grafia não é registro do que se pensou, do que se viu. A grafia revela a quem grafar um universo que ele antes de grafar não conhecia. A grafia é viva e ativa. Depois de riscada, a página não é mais a mesma. Aos olhos do observador, a grafia de outros tempos revive. A grafia expõe o pensamento acontecendo. Sendo viva, pode ser contestada, reelaborada.

A grafia funda o espaço. Sem grafia, sem geografia, não poderíamos distinguir um lugar do outro. Na grafia o espaço aparece, desdobra-se, expande-se. A grafia nos revela outros lugares além do nosso e nos faz andar.

A grafia, que compreende a lei (*nómos*), é o fundamento do estado democrático. Em Hesíodo, juízes ainda estavam subordinados a Zeus através das musas. Os deuses não ditam leis para o estado democrático, nem este obedece a leis da natureza. Fundado na grafia, o estado democrático se destaca da natureza. Só assim o estado é livre. Tem a dúvida e a instabilidade como consequência. Instabilidade não é maldição, é convocação para relações responsáveis. Sábia é a legislação que não tolhe, que estimula a invenção.

Insistamos numa das modalidades da grafia, a escrita. Esta não transcreve a literatura oral, como se fosse só revestimento exterior ou instrumento para fixar o que a oralidade produziu. Oralidade e escrita delimitam-se em sistemas diferentes. Em

certo sentido, a escrita antecede a oralidade, visto que o corte operado entre o homem e o que o cerca precede a fala, bem como as imagens que se acumulam na lembrança e os signos que as elaboram.

Cada grupo constrói universo seu, realização e limite. Fronteiras protegem e detêm. Xenófanes, o exilado, ao percorrer atentamente muitas terras, prepara o advento de Heródoto. Olhos gregos abrem-se a outros mundos. O conhecimento do alheio afeta o próprio. Estátuas familiares já não confortam como outrora. Como considerar divinas obras em que nós próprios nos expressamos?

Ao expandir-se na terra, o homem deixa marcas, risca o solo, define. Povos são textos inscritos em contextos. Textos escritos no solo percorreu Xenófanes. O que viu Xenófanes? Viu grafias. Grafias definem povos. Grafias redefinem montes, rios, vales. A grafia reorganiza tempo e espaço.

O artesão produz e se produz. No produzir vai além de si. E se reconhece na obra. Vê na obra o que deseja de si. O produto é opressor, só se o produtor se deseja oprimido. Se o objetivo do produtor é produzir a beleza, o produto liberta.

Platão, ao erguer a imagem (*idéa*) a valor absoluto, garante a passagem sem saltos do mais rudimentar ao mais abrangente. O que parecia depreciação do cotidiano é, na verdade, o estabelecimento da unidade do saber. Graves são, entretanto, as consequências. A unidade empalideceu a diversidade, valorizada por Xenófanes. Platão arrebatou imagens das mãos, restam sombras:

os deuses não mostraram no princípio tudo aos homens, mas estes, com o tempo (*khrónos*) buscando, acharam o melhor. (DIELS/ KRANZ: 18)

O homem navega através da história, viagem jamais concluída, viagem marcada pelo grafar. Percebem-se as diferentes etapas da navegação pelos sinais deixados em pranchas, em paredes, em rolos de papiro, em livros. Viagem em andamento. Obs-

curas são as origens e sombrio é o destino. Onde fica a Ítaca do homem? Se chegar, o homem ainda será homem? Ítaca ainda será a mesma? O homem se reconhece no navegar.

Arrancado da fixidez da natureza, o homem avança. Começa por rudimentos. Se há amparo divino, a divindade é parcimoniosa em concessões, para que o homem se possa robustecer. Outras espécies recebem tudo ao nascer. Nascem adultas. O homem nasce imaturo. Imaturidade irremediável. Não fôssemos imaturos, não teríamos o que aprender. Em lugar da revelação, a descoberta. Em lugar do domínio sobre o mundo, o desvendamento gradativo, fatos que se enredam e desenredam. Fim adiado. Avanço com interrupções, recuos, quebras, recomeços. Histórias não têm fim, a história não tem fim. Fins são antecipações do que não conclui. O todo desde sempre acontecendo não tem fim. Circulando no todo, fazemos o todo acontecer.

O tempo transforma, melhora. O que é o melhor? Como sabê-lo antes de o melhor aparecer? Previsíveis são os fenômenos da natureza, os possíveis da ação humana fogem ao controle. O homem só conhece o êxito ou o fracasso depois da ação. O modelo não ficou no passado. O homem se produz sem modelo. A cultura não reelaborada é carga que não deixa avançar. A grafia vai-se construindo através de indivíduos e de gerações. Um traço inusitado ressoa em todas as grafias, num grafar universal sem início nem fim. A história se constrói com deslocamentos. Quando fios se enredam, o homem se sente protagonista numa trama. Na trama caminhos se cruzam.

O homem prometeico do sexto século toma o futuro em suas próprias mãos. Apropriando-se de instrumentos outrora monopolizados pelos deuses, ele próprio se define. Distanciando-se da natureza, não trilha caminhos pré-traçados, abre veredas próprias na medicina, na indústria, na agricultura, na matemática, na troca de produtos, na organização militar, na política. A ação lança o homem contra limites. Nem assim deixa de ousar. Deuses vingativos ameaçam como forças retrógradas.

todo (oûlos) vê, todo conhece, todo ouve. (DIELS/KRANZ: 24)

A oração não tem sujeito. Xenófanes força a sintaxe. Como falar do que não tem nome? O sujeito é uma das exigências das línguas ocidentais. Há exceções. *Chove* não tem sujeito. Não dizemos “isto (*it, es*) chove” como o fazem outras línguas. Xenófanes, ao se elevar acima das divisões, raciocina como nós quando dizemos *chove*.

Quem é este que todo vê? Ele não tem nome. Tivesse nome, ele seria parte do todo, não seria *oûlos*, o todo. Vemos na visibilidade, conhecemos na cognoscibilidade, ouvimos na audibilidade. Visibilidade, cognoscibilidade, audibilidade confluem no todo. Se é todo olho, todo saber, todo ouvido, tudo lhe é presente. O ausente, sendo tudo o que o homem não é, não é grafável. Como pintar, esculpir ou descrever o que é todo olho, todo saber, todo ouvido? Como há limites entre o conhecimento do homem e de outras espécies, há limites entre o homem e o todo. O homem está acima do cavalo que não tem mãos e está muito aquém do que é tudo.

Por mais que viajemos, não chegaremos a saber o que o ausente sabe. Outros nos ensinam que podemos enxergar as coisas com outros olhos. Outros nos alertam para o que não víamos. Erro não será o saber que excluímos? A viagem por povos, idéias e livros nos abre os olhos. Impossível será reduzir todos os olhos a um olho só. Não nos é dado habitar na luz sem sombra. Limitações nos tornam solidários. O concurso de muitos olhos permite-nos ver mais e melhor do que um olho só. O que tudo vê pavimenta o caminho entre uns olhos e outros.

O que abriga todos os olhos, todos os pontos de vista, todas as opiniões emitidas e por emitir, o que é todo ouvidos, mistura de todas as línguas, de todas as linguagens, convergência de pluralidades, habita ponto utópico. A utopia movimenta os excluídos, os que não se sentem bem no lugar em que estão, anuncia um lugar que não exclui ninguém, lugar em que textos se opõem

sem se aniquilarem, em que diferentes diferem para gerar diferenças, lugar em que todos grafam sem proibição. Sem utopia, o que seria do *tópos* em que estamos? Que seria dos que andam sem ter para onde ir? O todo não exila, porque fora dele não há lugar. O todo é uma afirmação política contra a indevida elevação hegemônica de uma das partes. Ele é todo-ouvidos porque está atento a todas as vozes. Qual é a Ítaca de quem grafa? Com o que todo vê sonha o exilado.

Aproximemos o que ensina Xenófanes a uma das últimas aventuras de Ulisses, a dos bois de Hélio. Homero tem o mérito de expressar idéias complexas com imagem de cândida simplicidade. Ulisses e seus homens conviviam por semanas com os pingues rebanhos de Hélio. A propriedade do deus solar era intocável. Ulisses advertiu seus homens de não ousarem tocar nos bois de quem tudo vê. A fome foi mais forte que a proibição. Num momento de distração do comandante, os marinheiros abatem uma das reses e se deliciam com carne de sabor incomparável. O mal estava feito. Como os ventos sopram favoráveis, Ulisses continua a infausta viagem. Hélio pune a cegueira dos insolentes. O barco afunda, só Ulisses se salva. Os incautos antecipam o fim. Enredam-se como definitiva numa satisfação momentânea. O naufrágio que os devora só confirma o mal que eles a si próprios já tinham infligido. O máximo que podemos esperar é a sorte de Ulisses, longe de Hélio que é todo olhos e acima dos afoitos com olhos só para o imediato. Enquanto não naufragamos na escuridão, navegamos.

um só deus (heis theós) entre os deuses e entre os homens é o maior, não é semelhante aos mortais nem quanto ao corpo nem quanto à inteligência. (DIELS/ KRANZ: 23)

Mito não é todo o saber, não é ausência de saber. Distante dos extremos, pode-se conversar com ele. Redefina-se a palavra *deus*, a partir de uma de suas acepções: luz. Os deuses míticos ficam aquém do todo. Abrem o caminho ao todo, mas o todo os excede. À luz que é só luz, todas as sombras, todos as grafias se apagam. A pluralidade submerge na unidade. Se elevamos *deus*

ao todo, chegamos ao homem por contraste. O deus xenofânico não se deixa aprisionar. Distante de todas as representações de deus, entrega-nos à solidão. Os deuses retiraram-se a distâncias tão grandes que já não se pode vê-los, nem compreendê-los. A distância, embora penosa, resguarda-nos de constrangimentos. Sós, não estamos sujeitos a forças que predeterminem nossos atos. O homem só a si mesmo se destina.

Para Xenófanes, a grafia rompe com leis não-grafadas. O grafado se diversifica de acordo com as tendências dos que grafam. Elevando-se sobre as representações observadas, percebe com os olhos da mente uma idéia não derivada dos sentidos.

Xenófanes é filósofo? Filósofo ele se mostra quando reflete sobre o todo, mas quando se detém na diversidade das grafias comporta-se como *filósofo* (termo criado por Joyce), o investigador do visível.

Na *pólis* ou se estava integrado no grupo, ou se era estranho ao grupo. Neste último caso, ocorria um processo de exclusão que terminava no exílio ou na morte. O exilado confronta-se, contudo, com outro grupo no qual terá que integrar-se para não sofrer outra segregação. Como, entretanto, integrar-se sem conhecer? O conhecimento diminui a estranheza. Xenófanes, entre o próprio e o estranho, conhece sem integrar-se de todo. Distancia-se de sua própria cidade, sem anular as diferenças com outra. Aliás, Xenófanes foi exilado porque vivia inquieto. O exílio aconteceu quando, para a comunidade em que vivia, o estranhamento tinha atingido um patamar insuportável. A posição reflexiva que assumiu distanciava-o de todos, de tudo.

Observe-se a correspondência da série homem, cavalo, boi, leão e esta outra, cidadão, grego, escravo, bárbaro. Ao mais distante (leão e bárbaro), hostil e temido, reagia-se com agressão e extermínio. Xenófanes, o exilado, equidistante de todos, nivela grupos em conflito. Extintos privilégios, somem motivos para agressões.

Estranhos tornam-se todos os deuses. De todos distancia-se um, o estranhíssimo. Mas nem este recuou tanto que sobre



ele não se possa refletir. O espaço reflexivo aproxima e distancia. Sem a proteção do saber herdado, a reflexão impede que o abandono seja completo.

Compararemos Xenófanés com Sócrates. Suponhamos que a idéia do deus que se aloja acima de todos os deuses já lhe tivesse ocorrido antes do exílio e que a tivesse exposto em preleções públicas. Fácil seria culpá-lo de ofender a religião oficial e convencer o povo de que a presença do inovador era perniciosa ao estado. Xenófanés, ao contrário de Sócrates, julgando que não valia a pena morrer por causa da ignorância da maioria, escolhe o exílio. Andanças sem roteiro definido permitiram-lhe aprofundar o que já antes tinha percebido.

A grafia merece reflexão brasileira. Recordemos *Os tristes trópicos* de Lévi-Strauss. Um cacique nhambiquara, vendo-o escrever, imita-o para impor respeito aos subordinados. O antropólogo, com cinco anos vividos na floresta brasileira, baseado no episódio, conclui que a escrita é instrumento de opressão. Assim foi no Egito Antigo. Assim é no Brasil?

Reexaminemos a conclusão do observador. A escrita é opressiva quando só o cacique escreve ou quando apenas uma classe escreve como ocorreu às margens do Nilo e na Idade Média. À medida que aumentam os escreventes, aumentam os caciques. Em nossa terra, sujeitos a caciques estão os que não sabem escrever ou os que mal escrevem. Quem não tem mãos para escrever, afirma Xenófanés, não se levanta acima do nível de cavalos e bois. Seremos um estado verdadeiramente democrático, quando a escrita fizer de todos os brasileiros caciques.

Sólon escreve leis para Atenas e se retira. A lei se mostra forte quando operativa longe de quem a escreveu ou mandou escrever. A escrita não está sujeita a autoridade, ela constrói autoridades.